



O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



SEXTANTE
FICÇÃO

FATOS

O Priorado de Sião – sociedade secreta europeia fundada em 1099 – existe de fato. Em 1975, a Biblioteca Nacional de Paris descobriu pergaminhos conhecidos como *Os Dossiês Secretos*, que identificavam inúmeros membros do Priorado de Sião, inclusive *Sir* Isaac Newton, Botticelli, Victor Hugo e Leonardo da Vinci.

A prelazia do Vaticano, conhecida como Opus Dei, é uma organização católica profundamente conservadora, que vem sendo objeto de controvérsias recentes, devido a relatos de lavagem cerebral, coerção e uma prática perigosa conhecida como “mortificação corporal”. O Opus Dei acabou de completar a construção de uma Sede Nacional em Nova York, ao custo de aproximadamente 47 milhões de dólares.

Todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade.

PRÓLOGO

Museu do Louvre, Paris

22:46

O renomado curador Jacques Saunière percorreu cambaleante a arcada abobadada da Grande Galeria do museu. Lançou-se de encontro à pintura mais próxima que enxergou, um Caravaggio. Agarrando a moldura dourada, o homem de 76 anos puxou a obra-prima para si até despencar para trás, arrancando o quadro da parede e caindo de qualquer jeito por baixo da tela.

Como havia previsto, um portão de ferro desceu, com grande estrondo, ali perto, lacrando a entrada do conjunto de salas do gabinete. O assoalho de parquê tremeu. Bem distante, um alarme começou a soar.

O curador ficou ali deitado um instante, arquejante, avaliando a situação. *Ainda estou vivo.* Rastejando, saiu de baixo do quadro e esquadrinhou o ambiente cavernoso, procurando onde se esconder.

Uma gélida voz soou, assustadoramente próxima.

– Não se mexa.

De quatro, o diretor paralisou-se, virando a cabeça devagar.

A apenas cinco metros, diante do portão lacrado, a silhueta monstruosa de seu agressor espreitava-o por entre as barras de ferro. Era espadaúdo e alto, pele branca como a de um fantasma e cabelos também brancos e ralos. As íris eram rosadas, com pupilas vermelho-escuras. O albino sacou uma pistola do casaco e, passando o cano entre as barras, apontou-a diretamente para o diretor.

– Não devia ter fugido. – O sotaque dele era indefinível. – Agora me diga onde está.

– Eu já lhe disse – gaguejou o diretor, ajoelhado e indefeso no chão da galeria.

– Não faça a menor idéia do que está falando!

– Mentira sua. – O homem estava perfeitamente imóvel, a não ser pelo brilho de seus olhos fantasmagóricos, cravados em Saunière. – Você e sua fraternidade possuem uma coisa que não lhes pertence.

O curador sentiu uma torrente de adrenalina na circulação. *Como era possível que ele soubesse disso?*

– Esta noite ela voltará para as mãos dos guardiães corretos. Diga-me onde está escondida, que pouparei sua vida. – O homem ergueu a arma até a altura da cabeça do curador. – É um segredo pelo qual o senhor morreria?

Saunière não conseguia respirar.

O homem inclinou a cabeça, fazendo mira.

Saunière levantou as mãos.

– Espere – disse, devagar. – Vou lhe contar o que precisa saber. – O curador pronunciou as palavras seguintes com imenso cuidado. Havia ensaiado várias vezes a mentira que contou... rezando a cada vez para jamais ser obrigada a utilizá-la.

Quando o curador terminou de falar, o atacante sorriu, pretensioso.

– Sim. Foi exatamente isso o que os outros me disseram.

Saunière encolheu-se. *Os outros?*

– Eu também os encontrei – disse o gigante, sarcástico. – Todos os três. Confirmaram o que acabou de me dizer.

Não pode ser! A verdadeira identidade do curador, assim como as de seus três guardiães, era quase tão sagrada quanto o segredo antiqüíssimo que eles protegiam. Saunière agora percebia que seus guardiães, seguindo à risca os procedimentos, haviam contado a mesma mentira antes de morrerem. Fazia parte do protocolo.

O atacante tornou a mirar.

– Quando o senhor tiver morrido, eu serei o único a saber a verdade.

A verdade. Em um instante, o curador percebeu o verdadeiro horror da situação. *Se eu morrer, a verdade se perderá para sempre.* Instintivamente, procurou se proteger, desajeitado.

A arma explodiu, o diretor sentiu um calor escaldante quando a bala se alojou em seu estômago. Caiu para a frente... lutando contra a dor. Vagarosamente rolou de barriga para cima e lançou um olhar vidrado ao seu atacante, do outro lado das barras.

O homem agora estava mirando direto a cabeça de Saunière.

Saunière fechou os olhos, os pensamentos transformados em uma rodopiante tempestade de medo e arrependimento.

O estalido de uma arma sem munição ecoou pelo corredor.

Os olhos do diretor se abriram.

O homem olhou de relance para a arma, parecendo quase achar graça. Pegou mais um pente, mas depois reconsiderou, olhando com um sorriso calmo para o sofrimento de Saunière.

– Já cumpri meu dever aqui.

O diretor olhou para baixo e viu o buraco de bala na camisa de linho branco, rodeado por um pequeno círculo de sangue alguns centímetros abaixo do esterno. *Meu estômago.* Quase cruelmente, a bala havia deixado de lhe atravessar o coração. Por ser veterano da Guerra da Argélia, o diretor havia presenciado mor-

tes horrivelmente lentas antes. Durante 15 minutos, ele sobreviveria, enquanto os ácidos do estômago lhe penetravam a cavidade peitoral, envenenando-o lentamente por dentro.

– A dor é boa, *monsieur* – disse o homem.

Depois se foi.

Sozinho, Jacques Saunière voltou outra vez o olhar para o portão de ferro. Estava preso, e as portas não se reabririam em menos de 20 minutos. Quando alguém conseguisse alcançá-lo, ele já estaria morto. Mesmo assim, o medo que agora o assaltava era muito maior do que o da sua morte.

Preciso passar o segredo adiante.

Oscilando, pôs-se de pé e lembrou-se dos três membros assassinados da fraternidade. Pensou nas gerações que vieram antes deles... na missão que havia sido confiada a todos.

Uma cadeia ininterrupta de conhecimento.

De repente, agora, apesar de todas as precauções... apesar de todos os dispositivos à prova de falhas... Jacques Saunière era o único elo que restava, o único guardião de um dos mais poderosos segredos jamais guardados.

Tremendo, obrigou-se a ficar de pé.

Preciso encontrar uma maneira...

Estava preso dentro da Grande Galeria, e só havia uma pessoa no mundo a quem ele podia passar o bastão. Saunière ergueu o olhar para as paredes de sua opulenta cela. As mais famosas telas do mundo pareciam sorrir para ele, como velhas amigas.

Gemendo de dor, concentrou todas as suas faculdades e todas as suas forças. A fenomenal tarefa que tinha diante de si, sabia, iria exigir todos os segundos de vida que lhe restavam.

CAPÍTULO 1

Robert Langdon acordou devagar.

Um telefone tocava na escuridão – uma campainha metálica, desconhecida. Ele bateu, procurando o abajur da mesinha-de-cabeceira, e o acendeu. Semicerrando os olhos para enxergar o que o cercava, viu um quarto luxuoso, estilo renascentista, com mobília estilo Luís XVI, afrescos nas paredes e uma cama colossal de quatro pilares de mogno.

Onde é que eu estou, afinal?

O roupão de *jacquard* pendurado na coluna da cama tinha o monograma: HOTEL RITZ PARIS.

Lentamente, a névoa começou a dissipar-se.

Langdon atendeu o telefone.

– Alô?

– *Monsieur* Langdon? – disse uma voz de homem. – Espero não o ter acordado.

Meio zozno, Langdon consultou o relógio ao lado da cama. Era meia-noite e trinta e dois. Ele havia dormido apenas uma hora e sentia-se morto.

– Aqui é da recepção, senhor. Desculpe a intromissão, mas o senhor tem uma visita. Ele insiste que é urgente.

Langdon ainda estava se sentindo tonto. *Um visitante?* Os olhos agora focalizavam um folheto amassado na mesinha-de-cabeceira.

THE AMERICAN UNIVERSITY OF PARIS

orgulhosamente apresenta

UMA NOITE COM ROBERT LANGDON

PROFESSOR DE SIMBOLOGIA RELIGIOSA DA UNIVERSIDADE DE HARVARD

Langdon gemeu. A palestra daquela noite – uma exibição de *slides* sobre simbolismo pagão oculto nas pedras da Catedral de Chartres – provavelmente havia deixado arrepiados alguns conservadores presentes na platéia. Muito provavelmente, algum religioso erudito devia tê-lo seguido até o hotel para procurar briga.

– Mil perdões – disse Langdon –, mas estou muito cansado e...

– Mas, *monsieur* – insistiu o recepcionista, baixando a voz até ela se transformar num sussurro urgente. – Sua visita é um homem importante.

Langdon não duvidava. Seus livros sobre pinturas e simbologia religiosa tinham-no tornado, sem querer, uma celebridade no mundo da arte, e no ano passado a visibilidade dele havia aumentado cem por cento, depois de seu envolvimento com um incidente amplamente divulgado no Vaticano. Desde então, a torrente de histórias célebres e aficionados da arte que batiam à sua porta parecia não ter fim.

– Faça-me uma gentileza – disse Langdon, procurando ser o mais educado que podia –, será que pode anotar o nome e o telefone dessa pessoa e lhe dizer que vou

tentar ligar para ela antes de sair de Paris, na terça? Obrigado. – Desligou antes que o recepcionista pudesse protestar.

Sentado, agora, Langdon franziu o cenho para o seu *Manual de Relações com os Hóspedes*, ao lado da cama, em cuja capa se lia: DURMA COMO UMA CRIANÇA NA CIDADE-LUZ, RELAXE NO RITZ. Virou-se e olhou cansado para o espelho de corpo inteiro do outro lado do quarto. O homem que retribuiu seu olhar era um estranho – descabelado e exausto.

Você está precisando tirar umas férias, Robert.

O ano passado havia sido uma barra-pesada para ele, mas não lhe agradou ver a prova disso ali no espelho. Seus olhos azuis, geralmente aguçados, pareciam embaçados e fundos naquela noite. Uma barba escura por fazer lhe envolvia toda a mandíbula forte e o queixo com covinha. Em torno das têmporas, fios grisalhos de cabelo avançavam, penetrando na sua cabeleira negra espessa. Embora suas colegas insistissem que o grisalho só acentuava seu charme intelectual, Langdon não se deixava enganar.

Se ao menos a Boston Magazine pudesse me ver agora...

No mês anterior, para grande constrangimento de Langdon, o periódico *Boston Magazine* o havia incluído entre uma das dez pessoas mais estimulantes da cidade – honra dúbia que o tornou objeto de infundável gozação por parte de seus colegas de Harvard. Esta noite, a cinco mil quilômetros de casa, aquele elogio havia ressurgido, perseguindo-o na palestra que ministrara.

– Senhoras e senhores – anunciou a apresentadora para uma casa cheia no Pavillon Dauphine da American University de Paris –, nosso convidado desta noite dispensa apresentações. É autor de inúmeros livros: *A Simbologia das Seitas Secretas*, *A Arte dos Illuminati*, *A Linguagem Perdida dos Ideogramas*, e quando digo que ele escreveu a bíblia da *Iconologia Religiosa* estou querendo dizer literalmente isso. Muitos de vocês usam livros dele na sala de aula.

Os estudantes da platéia concordaram entusiasticamente.

– Eu havia planejado apresentá-lo esta noite com a ajuda de seu impressionante currículo. Porém... – Ela lançou um olhar brincalhão para Langdon, que se encontrava sentado no palco. – Um dos espectadores presentes acabou de me dar uma apresentação bem mais... como diremos... *estimulante*.

E aí ela ergueu um exemplar da *Boston Magazine*.

Langdon se encolheu. *Onde ela teria conseguido aquilo?*

A apresentadora começou a ler trechos do artigo, e Langdon sentiu-se afundar cada vez mais na cadeira. Trinta segundos depois, todos já estavam sorrindo, e a mulher não mostrava sinais de desistir. – “E a recusa do Sr. Langdon de falar em público sobre seu papel incomum no conclave do Vaticano no ano passado certamente lhe atribui pontos no nosso ‘estimulômetro.’” – Aí a apresentadora pediu ajuda da platéia. – Querem ouvir mais?

E a platéia aplaudiu.

Pelo amor de Deus, alguém cale a boca dessa mulher, desejou Langdon, enquanto ela mergulhava outra vez no artigo.

– “Embora o professor Langdon talvez não seja considerado bonitão como alguns de nossos premiados mais jovens, este acadêmico de quarenta e poucos anos tem mais do que apenas o fascínio exercido pelo seu intelecto. Para realçar sua presença já cativante, é dono de uma voz anormalmente grossa de barítono, que suas alunas descrevem como ‘chocolate para os ouvidos.’”

Todo o salão irrompeu em gargalhadas.

Langdon deu um sorriso forçado. Sabia o que vinha depois: uma comparação idiota tipo “Harrison Ford num terno da Harris Tweed Shop” – e porque, naquela noite, havia imaginado que seria finalmente seguro outra vez usar seu terno de *tweed* da Harris e blusa de gola rolê da Burberry, resolveu tomar uma atitude.

– Obrigado, Monique – disse Langdon, erguendo-se inesperadamente e tratando de expulsá-la discretamente da tribuna. – *A Boston Magazine* claramente tem talento para a ficção. – Virou-se para a platéia com um suspiro envergonhado. – E, se eu descobrir quem de vocês trouxe essa revista, mando o consulado deportar a pessoa.

Todos caíram na risada.

– Bem, como todos sabem, estou aqui hoje para falar sobre o poder dos símbolos...

A campanha do telefone do hotel voltou a romper o silêncio.

Incrédulo, ele atendeu, com um resmungo.

– Alô?

Como já esperava, era o recepcionista.

– Sr. Langdon, torno a lhe pedir mil desculpas. Estou ligando para lhe informar que seu visitante está a caminho do seu quarto. Achei melhor alertá-lo.

Langdon agora estava bem acordado.

– Você deixou alguém subir até o meu quarto?

– Perdoe-me, *monsieur*, mas um homem desses... não sei quem é que poderia detê-lo.

– Mas quem é *exatamente* esse cara?

O recepcionista, porém, havia desligado.

Quase imediatamente, um punho pesado bateu à porta de Langdon.

Incerto, Langdon saiu da cama, sentindo os pés mergulharem fundo no tapete floral estilo *savonnerie*. Vestiu o roupão do hotel e foi até a porta.

– Quem é?

– Sr. Langdon? Preciso falar com o senhor. – O inglês do homem tinha sotaque – um latido cortante e autoritário. – Meu nome é Jérôme Collet, tenente da Diretoria Central da Polícia Judiciária.

Langdon fez uma pausa. Polícia Judiciária? A DCPJ, na França, era mais ou menos o mesmo que o FBI, nos Estados Unidos.

Deixando a correntinha na porta, Langdon abriu-a alguns centímetros. O rosto que o olhava era magro e pálido. O homem era excepcionalmente esguio, vestido com um uniforme azul de aspecto oficial.

– Posso entrar? – indagou o agente.

Langdon hesitou, sentindo incerteza enquanto os olhos amarelados do homem o estudavam.

– O que é que está havendo, afinal?

– Meu capitão necessita de sua habilidade em um assunto particular.

– Agora? – objetou Langdon. – Já passa de meia-noite.

– Estou correto ao afirmar que o senhor tinha um encontro marcado com o diretor do Louvre esta noite?

Langdon sentiu um súbito desconforto. Ele e o reverenciado curador do Louvre, Jacques Saunière, tinham marcado um encontro para tomar um drinque depois da palestra de Langdon naquela noite, mas Saunière não comparecera. – Sim. Como sabia?

– Encontramos seu nome na agenda dele.

– Não aconteceu nada demais, aconteceu?

O agente soltou um suspiro pesaroso e passou-lhe uma foto polaróide pela abertura estreita da porta.

Quando Langdon viu a foto, seu corpo inteiro se contraiu.

– Essa foto foi tirada há menos de uma hora. Dentro do Louvre.

Enquanto olhava aquela imagem bizarra, Langdon sentiu que a repugnância e o choque iniciais cediam lugar a um súbito acesso de fúria.

– Mas quem é que faria uma coisa dessas?

– Tínhamos esperanças de que o senhor pudesse nos ajudar a responder essa mesma pergunta, considerando-se seu conhecimento de simbologia e seus planos de encontrar-se com ele.

Langdon ficou olhando a foto, estarrecido, o horror agora mesclado com medo. A imagem era repulsiva e profundamente estranha, trazendo-lhe uma sensação esquisita de *déjà vu*. Pouco mais de um ano antes, Langdon havia recebido uma foto de um cadáver e um pedido de ajuda semelhante. Vinte e quatro horas depois, quase tinha perdido a vida dentro da Cidade do Vaticano. Essa foto era totalmente diferente, e, mesmo assim, alguma coisa naquela história toda parecia-lhe inquietantemente familiar.

O agente consultou seu relógio.

– Meu capitão está esperando, senhor.

Langdon mal o escutou. Seus olhos ainda estavam pregados à foto.

– Este símbolo aqui, e a forma como o corpo dele está, tão estranhamente...

– Posicionado? – indagou o agente.

Langdon concordou, sentindo um arrepio ao olhar para o homem.

- Não dá para imaginar quem faria isso com uma pessoa.
- A expressão do policial se tornou austera.
- O senhor não está entendendo, Sr. Langdon. O que está vendo nessa foto...
- fez uma pausa. – Foi *Monsieur* Saunière quem fez isso consigo mesmo.

CAPÍTULO 2

A um quilômetro e meio de distância, o gigantesco albino chamado Silas atravessava mancando os portões da frente da luxuosa residência de arenito castanho-avermelhado na Rue La Bruyère. A cinta de cilício eriçada de espinhos que usava em torno da coxa lacerava-lhe a carne, mas mesmo assim a sua alma cantava de satisfação pelo serviço prestado ao Senhor.

A dor é boa.

Seus olhos vermelhos esquadrinharam o vestíbulo quando ele entrou na mansão. Vazio. Subiu as escadas silenciosamente, evitando acordar qualquer de seus companheiros de convívio. A porta de seu quarto estava aberta; trancas eram proibidas ali. Ele entrou, fechando a porta atrás de si.

O quarto era espartano – assoalho de madeira de lei, uma cômoda de pinho; a um canto, um catre que servia de cama. Era visitante ali naquela semana e, mesmo assim, durante muitos anos, tinha recebido a bênção de morar em um santuário semelhante na cidade de Nova York.

O Senhor me deu abrigo e um sentido à minha vida.

Naquela noite, por fim, Silas sentia que tinha começado a pagar sua dívida. Correndo até a cômoda, encontrou o telefone celular escondido na gaveta de baixo e fez uma ligação.

- Sim? – atendeu uma voz de homem.
- Mestre, já voltei.
- Fale – ordenou a voz, parecendo satisfeita ao falar com ele.
- Todos os quatro se foram. Os três guardiães... e o Grão-Mestre também.
- Fez-se uma pausa momentânea, como se para uma prece.
- Então presumo que obteve as informações, não?
- Todos os quatro disseram a mesma coisa. Independentemente.
- E acreditou neles?
- A concordância foi tamanha que não pode ser coincidência.

Um suspiro trêmulo de emoção.

– Excelente. Temia que a reputação da fraternidade de manter seus segredos prevalecesse.

- A iminência da morte é uma forte motivação.
- Então, meu discípulo, diga-me o que preciso saber.
- Silas sabia que as informações que tinha arrancado das vítimas eram chocantes.